

MEMÓRIAS E MEMORIALISTAS

1. *Te Deum* em Noite Transfigurada

(Apontamento de Recordação)

Sebastião Diniz

É um fim de tarde sereno de Abril quando entramos em Mafra, de regresso a Lisboa. Ao passarmos em frente do grande núcleo monumental, a sua fachada voltada ao poente recebe as despedidas do sol que, ainda há pouco, víramos à beira-mar dominando areais e casario. O amarelo restituído à frontaria joanina realça o dourado da luminosidade que se eleva do Alto da Vela. Estranhamente, esta visão evoca em nós uma experiência vivida na basílica em circunstâncias muito diferentes das que se ligam à sensação deste momento. Mas assim funcionam os mecanismos da memória: vivências ou estados de alma associam-se ora pelas suas semelhanças, ora pelos seus contrastes.

4 de Outubro de 1997

Era a noite do concerto inaugural do I Festival Internacional de Música de Mafra¹, recebido como um feliz retorno à vocação musical do monumento. Após um compasso de espera preenchido por um beberete-convívio servido num dos claustros, entramos na basílica da *cidade* joanina. As lâmpadas potentes, reforçando a luz discreta das velas, revelam-nos a decoração da capela-mor em todos os seus pormenores e esplendor, que em dias de visita normal escapam ao visitante apressado. Em breve, o público ocupa os lugares da nave central e do transepto. Decorridos aqueles

¹ Não se tratando aqui de uma recensão musical, mas tão-só de uma apreciação subjectiva, queremos, no entanto, mencionar a excelência de interpretação da orquestra Capela Real e do coro, sob a direcção de Stephen Bull. No programa do concerto lê-se: “Na estreia absoluta deste *Te Deum*, realizada na Igreja de S. Roque em Lisboa, provavelmente no ano de 1734, o coro cantou em alternância com o *povo*, tendo sido distribuídos à congregação folhetos para indicar quem haveria de cantar o quê”.

**TEDEUM,
QUE HA DE CANTAR**

ALTERNADAMENTE O CORO DE MUSICA
& o Povo em canto chaõ,

*NA IGREJA DA CASA PROFESSA
DE*

S. ROQUE

DA COMPANHIA DE
JESUS.

EM 31. DE DEZEMBRO.



LISBOA OCCIDENTAL,

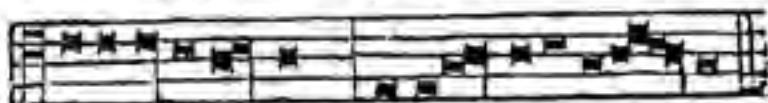
NA OFFICINA DA MUSICA
M. DCC. XX.



EXPLICAÇÃO.

LEVANTA AS PRIMEIRAS PALAVRAS,
Te Deum laudamus, o que preside no Altar, & segue o Coro
da Musica o resto do verso, *Te Dominum confitemur*:

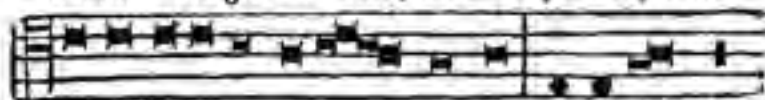
Logo segue o Povo com o canto chaô, o 2.º. vers. *Te æternum Patrem*: etc.
& Alternadamente proseguirão até o fim.



Te æternum Patrem: omnis ter-ra ve-ne-ra-tur.

Segue o Coro da Musica.

Tibi omnes Angeli: tibi Cæli, & universæ Potestates.

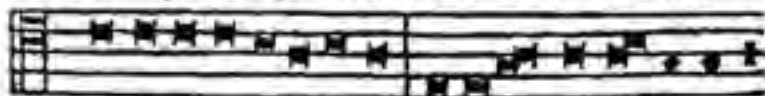


Tibi Cherubim, & Sera-phim: in-cessa-



bi-li vo-ce procla-mant. Segue o Coro da Musica:

Sanctus, Sanctus, Sanctus: Dominus Deus Sabaoth.



Pleni sunt Cæli, & terra: ma-ies-ta-tis glo-ri-æ

suæ

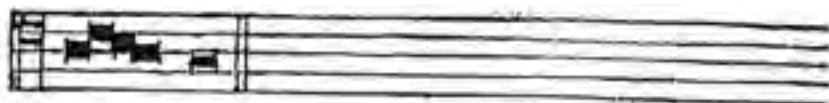
momentos de agitação e borborinho que sempre precedem a expectativa de um bom concerto, o *Te Deum* de António Teixeira² começa no tom reverente e melancólico, logo alternando com a vivacidade própria da sensibilidade ibérica. Poucos minutos teriam decorrido quando a nossa atenção foi desviada na direcção do varandim interior do zimbório. Um clarão súbito, intenso, seguido de outros mais fracos, a curtos intervalos, irrompe sobre o altar-mor, vindo juntar-se à iluminação artificial. O que era, a principio, prenúncio de trovoadas de um fim de tarde abafada foi aumentando de intensidade. Chegavam até nós os primeiros trovões, ainda distantes; os relâmpagos devassavam, agora abertamente, o amplo espaço sagrado.

Subitamente, extingue-se a luz elétrica; numa penumbra antiga de velas prossegue o coro de louvores a Deus a que se associam anjos, querubins e serafins. Sem poder seguir a partitura a Capela Real vê-se, em breve, forçada a interromper o concerto inaugural. Mas nem tudo está perdido; um quadro inédito, improvisado, vem animar esta noite transfigurada: como em procissão medieval, pesados tocheiros transportados por mãos femininas surgem nas coxias e são distribuídos pela zona do cruzeiro ocupada pelo coro e pela orquestra, enquanto os clarões do exterior reforçam a luz nova e ajudam a vencer as trevas.

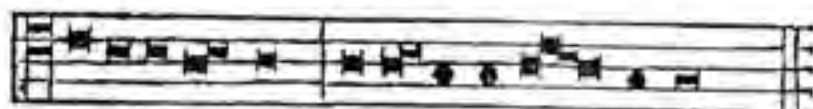
Ouve-se, vindo não se sabe de onde, o estilhaçar de vidros, em contraponto cristalino com os graves que atroam pela nave. A orquestra e o coro retomam, enfim, a partitura. Eis que um fortíssimo nos trovões vem sobrepor-se ao júbilo, aliado à profundidade harmoniosa, que percorre vozes e instrumentos.

Sente-se uma cumplicidade sobrenatural entre a música que sobe até à cúpula e a portentosa massa sonora que sobre nós cai dos céus. Somos compelidos a acompanhar, mesmo em recolhimento, as vozes do cantochão: *Pleni sunt caeli, et terra: maiestatis gloriae tuae*. Os céus e a terra parecem querer manifestar, a pleno, a majestade da glória divina! – Na assistência, profundo silêncio, silêncio feito de fruição estética e espiritual, e

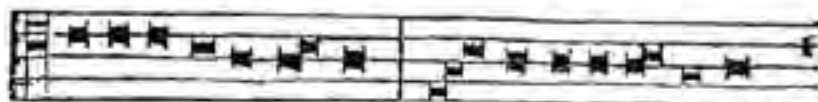
² Esta obra encontra-se gravada numa interpretação de *The Sixteen* e da *Symphony of Harmony and Invention*, com a direcção de Harry Christophers. Além das notas sobre o autor e a obra o folheto, que acompanha o CD, põe em confronto a evidência arquitectural do reinado de D. João V, presente no convento de Mafra, e o *Te Deum* de António Teixeira pela sua arquitectura monumental e pela elevação espiritual, como reflexo do seu tempo. Manuel J. Gandra informa que António Teixeira deslocou-se a Mafra, em 1730 “talvez com o objectivo de preparar a componente musical da cerimónia de sagração” da basílica (*Organaria* – in *Boletim Cultural* 97. Câmara Municipal de Mafra. 1998. p. 399).



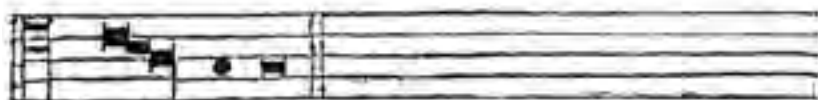
tu -- a. *Segue o Coro da Musica*
Te gloriosus Apostolorum Chorus;



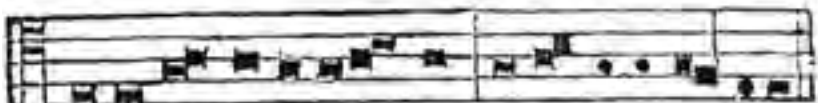
Te prophetarum lau-da-bi-lis nu - me-rus.
Segue o Coro da Musica.
Te Martyrum candidatus laulat exercitus.



Te per orbem terrarum, san - cta con-fi-te-tur Ec-



cle - si - a. *Segue o Coro da Musica.*
Patrem immense maiestatis.

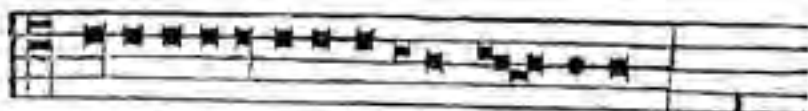


Ve-ne-randum tuum ve-rum, & u - nicum Fi - li-um.
Segue o Coro da Musica.
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.

Tu



Tu rex glo -- ri - æ Cbril - te. *Segue o Coro da Musica.*
Tu Patris sempiternus es Filius.



Tu ad liberandum suscepurus ho - minem :



non horruif - ti Vir - ginis u --- te - rum.

Segue o Coro da Musica.

Tu de uillo mortis aculeo aperuisti credentibus Regna Celorum.



Tu ad dexteram Dei se-des: in glo - ri - a Pa - tris.

Segue o Coro da Musica estes 2. versos.

Index crederis esse venturus.

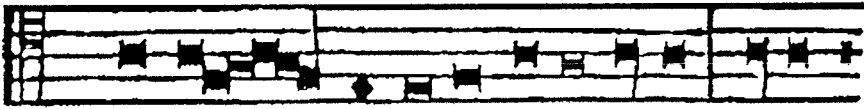
TE ERGO QUÆSUMUS, TUIS FAMULIS
 SUBVENI: QUOS PRETIOSO SANGUINE RE-
 DEMISTI.

Acer.

reverência talvez receosa. Ao prazer da audição rica de colorido, associa-se a emoção do olhar: seguir as linhas da arquitectura até às culminâncias da cúpula, a alternância dos elementos decorativos com as soluções clássicas num ambiente barroco; receber a sensação encantatória do cromatismo dos mármore, e evocar o sentido alegórico do rosa, do verde, do azul, do cinza, do negro e do branco disseminados pela nave, pelo transepto, pelas capela-mor e laterais...

Quando o temporal parecia querer amainar e a luz eléctrica já regressara, um novo trovão repercute-se na estrutura de pedra, a par da massa coral; e o nosso espírito sente-se impelido, de novo, a um recolhimento mais desassoçado. Ocorrem-nos lembranças de leituras antigas³: ainda antes de concluído, o edifício sofrera alguns estragos causados por trovoadas; o primeiro caiu sobre a capela-mor, depois de 1731, logo no começo da construção; em 1740, sobre os sinos; em 1765 foi o zimbório atingido; em 1772 foi a torre norte; em 1786, quando se cantavam as *Vésperas* de S. José... Mas, logo, tais pensamentos sombrios são substituídos pela beleza da massa coral e das árias que fluem em aliança com a Capela Real. A entrega íntima da assistência parece dever-se tanto à elevação do concerto, aliada à solenidade do lugar, como à irrupção das forças da natureza. Nas vozes e nos instrumentos prossegue a alternância de ritmos e cambiantes ora joviais, ora lentos, de devota contenção. Um coro de louvores ao Senhor e de preces para que a misericórdia divina nos ilumine atinge os recessos da basílica. E não vimos quem arredasse pé antes de soar a exultação final do *In te, Domine, speravi. Nom confundar in aeternum*. Noite memorável, ainda viva em nós, noite transfigurada em sonoridades de intensa espiritualidade, em trevas, tréguas e luz!

³ Leiam-se sobre este assunto: *Observações físicas por ocasião de seis raios, que em diferentes anos caíram sobre o Real Edifício junto à vila de Mafra*, de D. Joaquim de Assunção Velho e *Relação sincera do raio que no dia de S. José de 1786 caiu em Mafra* (in *Boletim Cultural* 97. Câmara Municipal de Mafra. 1998. p. 486-497 e p. 498-499).

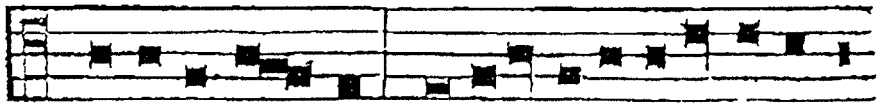


Æ-rer -- -- na fac cum sanctis tu-is in glo-

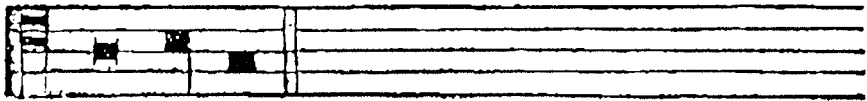


ri-a numera -- ri. *Segue o Coro da Musica.*

*Salvum fac populum tuum Domine : & benedic
hereditati tue.*

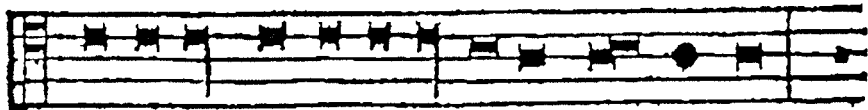


Et re-ge e - - os : & extol-le illos usque in



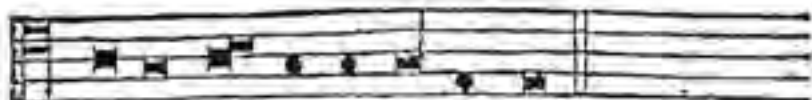
æ - ternum. *Segue o Coro da Musica.*

Per singulos dies benedicimus te.



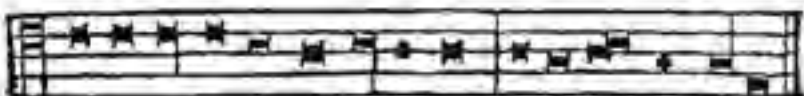
Et lau-da-mus nomen tuum in sæ - cu-lum,

&



& in sæ - cu - lum sæ - cu - li.
Segue o Coro da Musica.

Dignare Domine die ista, sine peccato nos custodire.



Mi - se - re - re nostri Do - mi - ne: mi - se - re - re nostri,
Segue o Coro da Musica, até o fim.

*Eiat misericordia tua Domine super nos: quemadmodum
speravimus in te.*

In te Domine speravi: non confundar in æternum.

L A U S D E O.

